

PROVA DE SELEÇÃO PARA O ANO LETIVO DE 2024

Data: **31 de janeiro de 2024**

Instruções gerais:

1. Das questões propostas, **escolha e responda a somente duas**;
2. Utilize uma folha pautada e carimbada para cada uma das suas duas respostas;
3. Esta prova terá duração máxima de 4 (quatro) horas. Distribua bem seu tempo e bom trabalho.

Questão 1 (Linguística)

*Considerando a bibliografia do Edital do presente processo seletivo, produza uma análise de base discursiva e/ou semiótica a partir do fragmento abaixo retirado do livro *A terra dá, a terra quer*, de Antonio Bispo dos Santos.*

“*Ecologia* é uma palavra utilizada pelos acadêmicos. No quilombo, não existe ecologia, existe a roça de quilombo, a roça de aldeia, a roça de ribeirinho, a roça de marisqueiro, a roça de pescador, a roça de quebradeira de coco. Por que a academia usa a palavra *ecologia*, e não *agricultura quilombola*? Por que não usa *roça indígena*? As universidades são fábricas de transformar os saberes em mercadoria e a agricultura quilombola não é mercadoria. Mas os saberes considerados válidos são aqueles que a universidade converte em mercadoria.

Quando visitei o Quilombo Kalunga, em Goiás, fui conhecer uma trilha turística. Lá encontrei uma placa junto a uma lixeira que dizia: “Lixo orgânico”. Perguntei o porquê daquele cesto de “Lixo orgânico”. Responderam que estava ali por exigência dos órgãos ambientais. Ora, se é orgânico, não é lixo! O lixo é sintético! O que apodrece é orgânico e retroalimenta a terra, ensinava minha avó. Mas isso funciona para quem tem casa, não para quem vive em gaiolas chamadas de apartamentos. Discutir ecologia sem discutir arquitetura é ilusão.

Nós inventamos a roça de quilombo, mas mudaram o nome e agora querem nos vender nossos saberes, nos oferecendo cursos de agroecologia e cursos de casa de taipa. Comemos raízes de macambira e raízes de umbu, entre muitas outras, e diziam que éramos selvagens porque comíamos raízes. Hoje, mudaram o nome das nossas raízes: chamam de “plantas alimentícias não convencionais”. O que chamam, de tomate cereja, era um tomatinho azedinho muito gostoso que nascia em qualquer lugar por onde caminhávamos. Fazíamos arroz de vinagreira cuxá, que hoje chamam de hibisco. Inventaram o “alimento orgânico”. Ora, isso que se compra no

supermercado com o selo de “orgânico” é um produto, às vezes sem veneno, mas não é algo orgânico. Não é produzido pelo saber orgânico, não é voltado para a vida. Se um quilo de carne orgânica é muito caro, o pobre não pode comprar; e se o pobre não pode comprar, não é orgânico. Orgânico é aquilo que todas as vidas podem acessar. O que as vidas não podem acessar não é orgânico, é mercadoria – com ou sem veneno. (Bispo dos Santos, Antonio. *A terra dá, a terra quer*, São Paulo: Ubu editora, 2023, p. 100-101)

Questão 2 (Crítica Textual)

Disserte sobre a seguinte reflexão de César Cambraia, a propósito do exercício da crítica textual:

Não é necessário muito esforço para se perceber a vasta extensão do domínio do conhecimento humano que se beneficia do exercício da crítica textual: basta dizer simplesmente que tem *impacto sobre toda atividade que se utiliza do texto escrito* como fonte. Exemplificar cada uma dessas atividades, salientando a importância da utilização de textos fidedignos em cada caso, é uma tarefa praticamente infundável, dada a vastidão dessas atividades. Não se pode, porém, deixar de mencionar duas delas: os estudos linguísticos e literários. (CAMBRAIA, p.20).

Questão 3 (Teoria da Literatura)

Para o desenvolvimento desta questão, busque lembrar os principais pontos tematizados no texto indicado, que integra a Bibliografia no Edital do presente processo de seleção. A seguir, desenvolva sua resposta ao que está sendo solicitado na sequência do enunciado.

Indicando que a “diversidade é constitutiva do ato de ler”, Márcia Abreu destaca em “As variadas formas de ler” modificações e diferenças que podem ser relacionadas a distintas condições históricas e sociológicas:

(...) “nem sempre as pessoas leram e escreveram como lemos e escrevemos. E, mesmo hoje, nem todas as pessoas leem e escrevem da mesma maneira. (...) A leitura, além de uma história, tem uma sociologia” (CHARTIER, 1998). As formas de ler e avaliar os textos variam se se considerarem diferentes classes sociais, regiões, etnias etc.” (ABREU *in* PAIVA *et al.*, 2000, 122).

“Em largas passadas, busquei mostrar que a **literatura** é presidida pelo signo da diversidade, quer consideremos as maneiras de ler praticadas ao longo do tempo quer tomemos as relações com o escrito mantidas por distintos grupos culturais. Diferentes leitores, espectadores, ouvintes, produzem apropriações inventivas – e diferenciadas – dos textos que

recebem. Para Michel de Certeau, o consumo cultural é ele mesmo uma produção – silenciosa, disseminada, anônima, mas uma produção. O que não significa considerar o leitor como completamente livre, pois ele está submetido a restrições e limites impostos por sua formação cultural e pela forma particular do texto que lê (CERTEAU, 1994)”. (ABREU *in* PAIVA *et al.*, 2000, 124; grifo nosso).

Inicialmente, comente as duas passagens acima transcritas e esclareça quais as principais noções sustentam a reflexão que o artigo desenvolve sobre o ato de ler, na perspectiva de sua diversidade constitutiva. Cite exemplos do próprio texto de Márcia Abreu ou de outras fontes (podendo, inclusive, incluir referências de sua trajetória de formação pessoal como leitor(a) ou de sua experiência profissional).

Na sequência, produza uma breve exposição que resuma a discussão crítica, desenvolvida pela autora na segunda parte do texto, sobre situações em que a leitura, em especial a literária, seja mediada institucionalmente na direção de uma uniformização dos modos de ler.